

a chama



REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO

NOVIDADES NAS COORDENAÇÕES DO SÃO VICENTE



Que projetos você gostaria que a Diretoria São Viça apoiasse?

Com a pergunta acima, a chapa São Viça, que assumiu a Diretoria da Associação de Pais e Mestres no biênio 2017-2019, fez uma enquete entre os participantes da Feira de Cultura e Compromisso Social. Mais de 100 sugestões foram recebidas, dentre elas um melhor aproveitamento e ampliação da horta comunitária, estímulo à alimentação saudável entre crianças e jovens e sala com vidros transparentes na mata para estudos de ciências.

A campanha permanece. Quem quiser participar com sugestões, é só colocá-las na caixa próxima ao elevador, no térreo, ou remetê-las para o email revistachama@csvp.g12.br. Queremos ouvir sua opinião sobre os projetos que devemos apoiar. Afinal, sabemos que nosso papel é funcionar como um elo de ligação entre o Colégio e suas Famílias, financiando e apoiando iniciativas, sempre alinhadas com o Projeto Político-Pedagógico do São Vicente. Participe!

CAPA: DA ESQ. PARA A DIR., MARIA ALICE SÁ, COORDENADORA ACADÊMICA DO SV, E AS COORDENADORAS PEDAGÓGICAS NORMA HOFFMANN, ESTELA MACHADO E MARIA ISABEL CABRERA, NA APRESENTAÇÃO DO 3º EF, EM 8 DE JULHO, NA FESTA JUNINA. FOTO SIMONE FUSS



NA FEIRA DE CULTURA E COMPROMISSO SOCIAL, TRÊS PROJETOS APOIADOS PELA APM: DE CIMA PARA BAIXO, O SECRETÁRIO PANIZZI E O PROJETO CAIXA DE ABELHAS; A CAMPANHA DE ARRECADAÇÃO DE POTES DE VIDRO PARA RECOLHER LEITE MATERNO; E AS DIRETORAS MARLENE DUARTE E SIMONE FUSS NA BARRACA DA ASSOCIAÇÃO COM AS CAMISETAS DO BEM.

FOTOS: CRISTINA BARCELLOS

SUMÁRIO

- 2 AÇÃO PASTORAL**
N.S.APARECIDA VISTA
POR NOSSAS CRIANÇAS
- 4 CAPA**
AS NOVIDADES NAS
COORDENAÇÕES DO SV
- 8 COMO SE FAZ**
8º ANO FAZ PINTURA E
POESIA NO MURO
- 10 TRANSFORMADOR
SOCIAL**
CLARISSE LINKE: NA LUTA
PELA MOBILIDADE URBANA
- 12 ONTEM E HOJE**
- 14 AÇÃO PEDAGÓGICA**
MANSIDÃO, A TERCEIRA
VIRTUDE VICENTINA
- 16 MESA REDONDA**
EX-ALUNOS
EMPREENDEDORES
CONTAM SUA EXPERIÊNCIA
- 18 PALESTRA**
SUICÍDIO E OUTROS
RISCOS NA ADOLESCÊNCIA
- 20 HOMENAGENS**
NOSSO OBRIGADO A ARTUR
MOTTA, NINA VERNES E
PATRÍCIA RUBIM
- 22 NOTAS**

EDITORIAL

Olá, caro leitor.

Você sabe qual é a diferença entre a Coordenação Acadêmica e a Coordenação Pedagógica? Mais: sabe o que fazem as Coordenações? Pensando nisso, e diante das mudanças recentes que aconteceram nos quadros do Colégio São Vicente de Paulo, nossa matéria de capa apresenta o trabalho desenvolvido pelas Coordenações, Acadêmica e Pedagógica, e mostra um pouco mais do perfil dos profissionais que lideram essas áreas da Escola. André Marques e Maria Alice Azevedo de Sá chegaram ao CSVP para a Coordenação Acadêmica, posição antes ocupada por Nina Vernes da Cunha e Artur Motta. Apresentamos também os Coordenadores de cada segmento: Fundamental I e II, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos.

Ainda nesta edição, vamos falar sobre a terceira virtude vicentina, a Mansidão, e contar um pouco sobre os empreendedores sociais formados pelo Colégio, que vieram participar pela primeira vez da Mesa Redonda de Orientação Profissional, evento já tradicional em que ex-Alunos dividem suas experiências com os Alunos do 9º ano do Fundamental ao 3º do Ensino Médio. Na seção Ontem e Hoje, relembramos as festas juninas do Colégio, sempre animadas. Também lembramos, nas publicações antigas da revista, da participação ativa dos nossos Alunos em movimentos políticos do passado, como em 1992, época do impeachment de Fernando Collor de Mello que, ironia, era ex-Aluno do Colégio. Destacamos ainda a trajetória de nossa ex-Aluna Clárisse Cunha Linke, hoje uma transformadora social. Os desenhos, as pinturas e os poemas produzidos por nossos Alunos; as irmãs Daisson, medalhistas na natação; os eventos como a Manhã de Letras, Livros e Leituras, a Feira de Cultura e Compromisso Social e a Semana Política também estarão nas próximas páginas.

E mantemos o convite a você, leitor, para participar conosco, trazendo sugestões e ideias que enriqueçam ainda mais nosso trabalho e nossa comunidade. Para participar, mande um e-mail para revistaachama@csvp.g12.br. As portas estão sempre abertas!

Simone Fuss
Presidente da APM

a chama

Revista editada pela Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo

Ano XLIV Nº 96
Agosto/ 2017

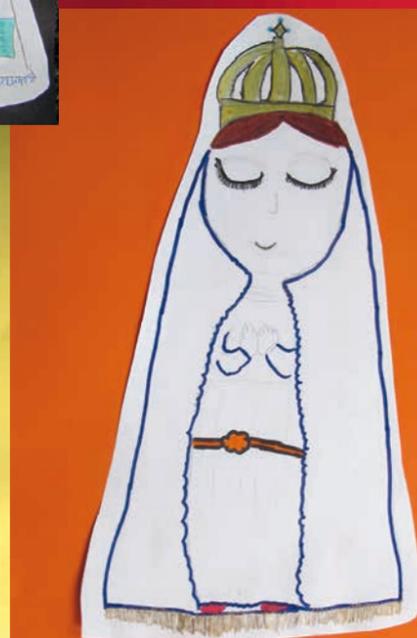
Rua Cosme Velho, 241 - Cosme Velho - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22241-125
Telefone: (21) 3235-2900 e-mail: revistachama@csvp.g12.br

Supervisão Editorial: Pe. Maurício Paulinelli e Marlene Duarte
Reportagem: Rodrigo Prestes e Rosa Lima
Edição de Textos: Rosa Lima
Revisão: Pe. Maurício Paulinelli e Marlene Duarte
Projeto gráfico e Produção Editorial: Christina Barcellos
Fotos: arquivo CSVP, Simone Fuss, Christina Barcellos, arquivo Clárisse Linke, arquivo CARPE Projetos Socioambientais, arquivo Guilherme Pirá, arquivo Mauro Daisson
Distribuição interna e venda proibida
Tiragem: 2 mil exemplares
Jornalista Responsável: Rosa Lima - Mtb: 18640/RJ

DIRETORIA DA APM
Diretora Presidente: Simone Fuss Maia da Silva
Diretor Vice-Presidente: Carlos Machado de Freitas
Diretora Secretária: Sílvia Braña Lopez
Diretora Tesoureira: Renata Gorges Rocha Guimarães
Diretora Social: Marlene Martins Duarte
Representante dos Professores: Ivone Vieira
Assistente Eclesiástico: Pe. Agnaldo Aparecido de Paula
Conselho Fiscal: Natália França Ourique, Carolina Ebel de Ribeiro Lopes, Vania Ettinger de Araujo, Hércio França Alvim Filho, Neuza Carla Miklos Pereira, Cláudia Regina de Moura Duarte
Secretário da APM: Edevino Panizzi

IMAGENS DE UMA IMAGEM

Que melhor tradução pode haver do que representou a visita da réplica da imagem e N. Srª Aparecida ao Colégio do que os desenhos que dela fizeram nossas crianças? Beleza, graça, mansidão, bondade, suavidade, delicadeza e simplicidade são algumas das ideias que nos evocam essas imagens. Elas são o resultado do trabalho proposto aos Alunos do 2º e 4º anos do Fundamental, pela Professora de Ensino Religioso Beatriz Miguez de Sá, a Bia, por ocasião da visita da imagem e ao celebrar o jubileu: 300 anos da aparição da Santa Padroeira do Brasil. Um momento de inspiração, solidariedade, amor e paz.





O BRAÇO DIREITO DA DIREÇÃO

FOTOS: CRISTINA BARCELLOS

Recém-chegados ao São Vicente, André Marques e Maria Alice Sá falam de seus planos à frente da Coordenação Acadêmica do Colégio

O ano de 2017 começou com uma novidade importante no Colégio São Vicente de Paulo: a admissão dos Professores André Marques e Maria Alice Azevedo de Sá para atuarem como Coordenadores Acadêmicos da Escola, função exercida nos últimos anos por Nina Vernes da Cunha e Artur Motta.

A substituição faz parte do processo permanente de atualização do Colégio e de renovação de seus quadros, e se deu por um processo seletivo que envolveu entrevistas e análise de currículo. Tanto André Marques quanto Maria Alice Sá têm um longa estrada de atuação na área educacional.

André é licenciado, bacharel e mestre em Matemática, foi Professor de muitas escolas das redes particular e pública de ensino, e também exerceu diversas funções relacionadas à gestão escolar, ao longo de 38 anos de carreira na Educação.

Já Maria Alice, é bacharel em Comunicação Social e Pedagogia, pós-graduada em Psicossomática e Psicopedagogia e mestre em Ciência da Motricidade Humana. Em seus 17 anos de experiência na área educacional, trabalhou como Professora e Gestora em funções variadas em colégios e faculdades, além de sua atuação em consultório na área de Psicopedagogia Clínica.

Com a chegada dos dois profissionais ao São Vicente, **A Chama** foi conversar com eles, saber de seus objetivos e planos à frente da Coordenação Acadêmica, e aproveitou para ouvir também as Coordenações Pedagógicas dos diversos Segmentos de ensino, para expor o papel e a importância de todas e cada uma delas, na função de ajudar a garantir a linha filosófica e pedagógica do projeto educacional do Colégio.

Atuando em linha direta com a Direção, a Coordenação Acadêmica é responsável por todos os processos que cercam a efetiva realização

do fazer precípua de uma Escola que é o ensinar, segundo explicaram André Marques e Maria Alice Azevedo de Sá. Passam por ela a captação de Alunos, o desempenho nos exames de avaliação, o desenvolvimento de ensino, pesquisa e extensão, a infraestrutura de ensino, a evasão de Alunos, estudos da viabilidade financeira dos projetos e programas, o relacionamento e integração entre os Professores e demais Colaboradores, Familiares e também entre os Alunos.

“Na medida em que gestão e qualidade andam lado a lado, os processos de ensino e de aprendizagem que ocorrem na sala de aula sofrem influência da gestão exercida pela Coordenação Acadêmica, seja no acompanhamento dos Planos de Ensino, nas avaliações de conteúdos e na avaliação e contratação dos Docentes. Para tal precisa-se ter conhecimento dos índices acadêmico-financeiros: relação candidato/vaga, número de ingressantes, evasão, remuneração dos Professores, custo da estrutura curricular, dentre outros”, disseram os novos Coordenadores Acadêmicos em entrevista por email.

Porém, de acordo com eles, o mais importante é o zelo com o relacionamento interpessoal. “As pessoas são efetivamente responsáveis pela Escola, especialmente na construção de sua identidade e imagem. É, pois, essencial que se valorize o Educador, gerando um ambiente de trabalho agradável, em que todos se sintam à vontade para expor suas potencialidades, respeitando-se a ética e comprometimento com a linha político-filosófica da Escola”, completaram.

André e Maria Alice enfatizaram que os planos desta Coordenação Acadêmica são orientados pelo conteúdo do Projeto Político-Pedagógico do São Vicente, atualizado em 2015. Uma demanda adicional, disseram, surgida a partir da reforma educacional deste ano, traz a discussão acerca do novo ensino médio e da revisão curricular da Escola. Lembraram ainda que as questões relacionadas aos Alunos em situação de inclusão também suscitam muitas reflexões e tomadas de posição. “Enfim, estamos atuando em frentes diversas, todas objetivando contribuir para que o Colégio São Vicente de Paulo siga sua pujante trajetória da educação deste estado”, disseram.

“As pessoas são efetivamente responsáveis pela Escola, especialmente na construção de sua identidade e imagem. É, pois, essencial que se valorize o Educador”

André Marques
e Maria Alice Azevedo de Sá

O PAPEL DAS COORDENAÇÕES PEDAGÓGICAS



LILIANE FERREIRA DOS SANTOS, COORDENADORA DO 9º ANO AO 3º DO EM

No ambiente de aprendizagem e, em especial, no ambiente escolar, é importante desde cedo o acompanhamento pedagógico. No São Vicente de Paulo, esse trabalho é feito por Segmento, do 1º ano do Fundamental ao 3º do Ensino Médio e também na Educação de Jovens e Adultos, EJA.

“A ação do Coordenador Pedagógico envolve um olhar cuidadoso, um ouvido atento e o exercício permanente do acolhimento. Na sua função mediadora, o Coordenador promove uma reflexão sobre o fazer pedagógico, estimulando o diálogo e a construção de sentido para uma aprendizagem cada vez mais significativa. Acompanha o desempenho dos Alunos e, junto com os Professores, pensa em novas estratégias que visem à recuperação daqueles que, porventura, precisem de ajuda, seja ela na área cognitiva, emocional, atitudinal ou no campo da saúde”, explica Liliane Ferreira dos Santos, Coordenadora Pedagógica do 9º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio.

Além disso, complementa Liliane, é função do Coordenador Pedagógico preparar os calendários anuais, com a participação de vários Setores da Escola, organizar períodos das diferentes avaliações, montar os horários de acordo com a grade curricular e a disponibilidade dos Professores. Cabe ainda ao Coordenador, promover reuniões de Pais, coordenar processo seletivo de Alunos novos, atender aos Alunos e às suas Famílias,



MARIA ISABEL CABRERA, COORDENADORA DO 1º AO 3º ANOS DO EF



ESTELA MACHADO, COORDENADORA DO 4º E 5º ANOS DO EF



NORMA HOFFMANN, COORDENADORA DO 6º AO 8º ANOS DO EF



IRMÃO ADRIANO FERREIRA, COORDENADOR DA EJA

além de preparar conselhos de classe (COC) junto com a Equipe de Orientação Educacional. É grande a participação em ações administrativas que dão suporte à execução do currículo, nos conselhos Pedagógicos e Reuniões de Direção e Coordenação, colaborando com a Coordenação de Disciplina, quando necessário. “O acompanhamento pedagógico é feito todos os dias, em todos os momentos”, explica Liliane.

Acompanhar a acolhida de Alunos novos

No caso da Coordenação de 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental, há a atribuição específica de planejar e acompanhar todo o processo de acolhida de Alunos novos no 1º Ano, que é a Série que recebe a maior quantidade deles.

Nesse Segmento, as maiores demandas dos Alunos são, segundo a Coordenadora Maria Isabel Cabrera, as que estão relacionadas aos seus desejos e necessidades na busca interior de cada um em definir qual papel deve desempenhar nos grupos a que pertencem: a Família, o grupo de Colegas e em relação aos seus Professores.

“E neste sentido, os maiores desafios estão em ajudá-los a encontrar seus espaços como indivíduos que formam uma coletividade. E, na sociedade do imediatismo em que vivemos atualmente, ajudá-los a se conectarem conscientemente à realidade, agindo de modo tolerante e sensível, não é fácil”, pondera Bebel, como é conhecida por todos.

Para Estela Machado, conduzir o trabalho da Coordenação Pedagógica dos 4º e 5º anos do EF é prazeroso porque ela lida com crianças com enorme desejo de conhecimento. “São afetuosos, cooperativos

e curiosos. Sentem-se mais seguros e confiantes. Por outro lado, é desafiador porque estamos trabalhando com a formação de base. Nessa idade é sabido que a memória da criança é muito boa e o aprendizado tende a ficar registrado para a vida toda. Portanto, todo cuidado é pouco com respeito ao que lhes ensinamos e como ensinamos”, alerta.

As maiores demandas estão atreladas aos desafios, explica Estela. “Por exemplo, mantermos um ambiente que privilegia a aprendizagem e as trocas de experiências, respeitando-se e valorizando-se as diferenças como forma de crescimento. Dessa forma, o espaço de sala de aula, embora coletivo, favorece a realização de aprendizagens individuais e de grupo, ajudando o Estudante a se constituir como ser livre”.

Para Norma Hoffmann, que desde o ano passado está à frente da Coordenação do 6º ao 8º anos do Fundamental, o maior desafio desse Segmento é lidar com as grandes transformações por que passam os Alunos nessa fase: o início da adolescência. “É um momento especial, que traz mudanças físicas e emocionais, muitas surpresas e angústias também. Orientá-los nesse processo, num mundo que passa também por transformações agudas é o maior desafio que enfrentamos”, diz Norma.

Mas ela pondera que, justamente por isso, o trabalho com esse grupo é extremamente estimulante: “graças aos Alunos, que me mantêm permanentemente atualizada com as novidades, posso dizer que sou uma pessoa antenada com o mundo em que vivemos.”

Adaptação e convivência com os mais velhos

A Coordenação do 9º ano do Ensino Fundamental à 3ª Série do Ensino Médio tem também suas peculiarida-

des. No caso do 9º ano, os Alunos passam para o turno da manhã, ficam mais próximos dos colegas do Ensino Médio, no entanto, ainda possuem características muito próprias do Segmento a que pertencem, o Ensino Fundamental.

“Há todo um cuidado por parte de todos da Escola, para que sejam bem recebidos no turno da manhã. Esse preparo em recebê-los também é ratificado pela equipe pedagógica, que busca concluir conceitos do Fundamental e dar passos em relação ao Ensino Médio, com a chegada da Física e da Química”, explica a Coordenadora Liliane Ferreira dos Santos.

Segundo ela, ao chegar ao 3º ano, percebe-se que há uma ansiedade natural entre os Alunos. Muitas dúvidas sobre suas próprias escolhas, sobre os processos para ingresso nas faculdades. Dar-lhes o apoio socioemocional, acolhê-los em suas aflições e preparar diferentes simulados são parte integrante do trabalho desenvolvido pela equipe pedagógica nesse momento. É uma Série em que os Estudantes se despedem da Escola, dos amigos de sala de aula, dos Professores, dos Funcionários. Período em que toda a sensibilidade está à flor da pele.

Para Liliane, um novo desafio que o Segmento tem pela frente é a reforma do Ensino Médio. Vários profissionais da Escola estão participando de encontros em que este tema está sendo debatido. “Estamos na fase de estudo, conversas e participação em vários debates, enquanto aguardamos a publicação oficial da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), explica.

Por fim, no turno da noite, a Coordenação Pedagógica da Educação de Jovens e Adultos (EJA) também enfrenta desafios distintos das demais. A própria estrutura

dessa Coordenação é mais reduzida do que as do dia – não há, por exemplo, atendimento aos Pais, já que os Alunos – adultos – são os responsáveis por si mesmos.

Outra característica forte da EJA é a volatilidade da frequência dos Alunos. “Então, precisamos organizar um currículo que englobe o necessário em menos tempo, porque um semestre deles corresponde a um ano do diurno, e ao mesmo tempo cuidar para que o conteúdo não seja tão pesado que desestimule um Aluno que trabalhou o dia inteiro a continuar estudando”, explicou o Coordenador da EJA, Irmão Adriano Ferreira. Para esse Aluno, mais do que para os do dia, é preciso fazer com que a Escola seja atrativa, que o prepare para o Enem e também para a vida, ajudando-o a reconhecer-se como cidadão de direitos e deveres, como todos nós.

“A ação do Coordenador Pedagógico envolve um olhar cuidadoso, um ouvido atento e o exercício permanente do acolhimento”

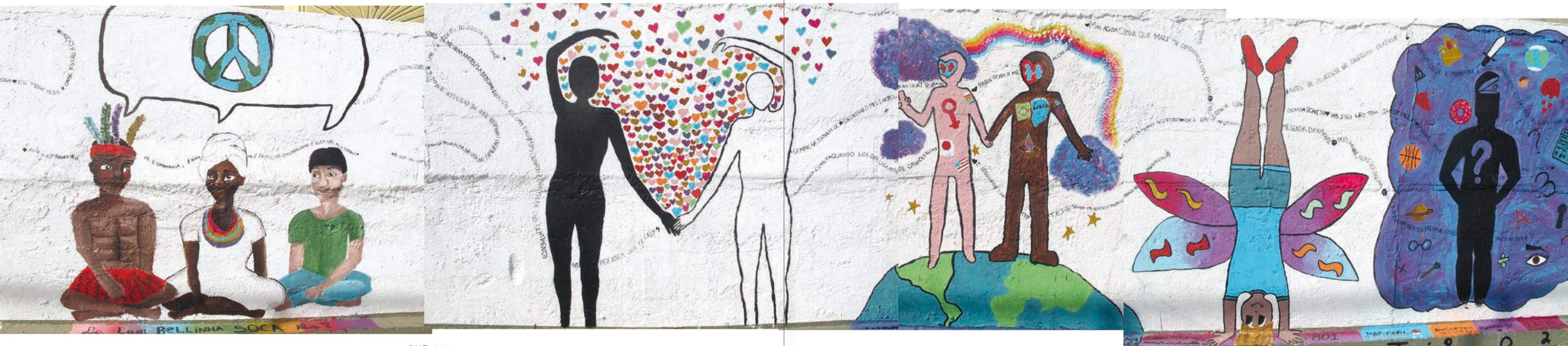
Liliane Ferreira dos Santos

EU OUTRO

Muro de Alunos do 8º ano reflete, em poemas e imagens, o que é ser estrangeiro

O Programa de Leitura, Interpretação e Produção de Textos, o Plipt, antes a cargo de um só Professor, agora é dividido entre dois membros da equipe, no 7º e 8º anos. Por conta disso, a tradicional pintura do muro feita anualmente, desta vez teve uma novidade para os Alunos do 8º. Além dos desenhos, ganhou também textos. Com o título de *Euoutro*, assim mesmo, junto, formando uma só palavra, imagens e palavras mescladas refletem o que é ser estrangeiro na família, na escola, no trabalho, na rua, no mundo... Ou mesmo sentir-se estrangeiro, apartado de si mesmo.

A pintura recheada de poemas é fruto da parceria entre as Professoras de Artes, Cacau Marçal, e de Português e Literatura, Mariana Arcuri. A partir do tema comemorativo dos 400 anos do Carisma Vicentino, “*Eu era estrangeiro e vocês me acolheram*” (Mt 25,35), as duas se uniram e instaram os Alunos a se colocar no lugar do outro, do que está deslocado, à margem dos mais variados contextos. O belo resultado do trabalho é o que se vê pintado na parede ao fundo da quadra gradeada, à direita de quem entra no Colégio. E que A Chama reproduz aqui, em fragmentos poéticos anônimos.



UMA EX-ALUNA NA LUTA PELA MOBILIDADE URBANA

Clarisse Cunha Linke está à frente de instituto que promove o transporte sustentável, na busca por cidades mais justas

Ela só tem 38 anos de idade, mas seu nome já é referência quando o assunto é mobilidade urbana. A ex-Aluna Clarisse Cunha Linke é diretora executiva do Instituto de Políticas de Transporte e Desenvolvimento (ITDP, da sigla em inglês), entidade sem fins lucrativos que promove o transporte sustentável e equitativo no mundo, concentrando esforços para reduzir as emissões de carbono, acidentes de trânsito e a desigualdade social.

Clarisse trabalha em planejamento e implementação de políticas e programas sociais desde 2001, com experiência no Brasil, Moçambique e Namíbia. É mestre em Políticas Sociais, ONGs e Desenvolvimento, pela London School of Economics and Political Science, onde recebeu o prêmio *Titmuss Examination Prize*. Em 2010, foi premiada pela Ashoka no Desafio *Mulheres, Ferramentas e Tecnologia*. É também pós-graduada em Terceiro Setor, pelo Instituto de Economia da UFRJ, e graduada em Publicidade e Propaganda pela PUC-Rio.

Toda sua formação escolar foi feita no Colégio São Vicente, onde ficou 11 anos – de 1986 a 1996. A semente da transformadora começou a brotar aí. “Criatividade, questionamento, preocupação social, eu diria até ousadia, são aspectos fundamentais da minha formação. Até hoje sei que sou quem sou muito em função da minha vivência vicentina”, diz Clarisse.

Ela conta que o lema do Colégio de ajudar a formar agentes de transformação social tocou-lhe de várias formas. E cita atividades e momentos importantes nesse processo: o caderno de criatividade no primário, as aulas de história e literatura, o passe livre para saída no recreio, a coleta de cestas básicas durante as gincanas... “Poderia ficar aqui o dia todo listando exemplos. Nunca tive dúvida de que era onde queria que meus filhos estudassem”. E é no São Vicente que hoje estão Julia e Nicholas, seus dois filhos. A menina, no 4º ano, e o menino, no 1º do Fundamental.

Cidades e futuro

Apaixonada pela questão do transporte sustentável, que, segundo ela, vai muito além disso (“a discussão é sobre cidades e futuro”, diz), Clarisse conta que o tema, na verdade, lhe “caiu no colo”. Quando terminou o mestrado na Inglaterra, em 2005, foi trabalhar em Moçambique.

“O projeto era de empoderamento da mulher camponesa, e que tinha a bicicleta como elemento fundamental. Não entendia nada de transporte, mas de repente comecei a entrar no assunto. De Moçambique, fui para Namíbia, onde continuei trabalhando no tema. Em 2012, quando retornei ao Brasil, vim trabalhar no ITDP, e o foco então migrou da mobilidade rural para urbana. Algumas coisas em comum... mas nem tanto!”.

Atualmente, o ITDP trabalha junto com o poder público, em todo o

processo de discussão da política cicloviária e de pedestres. “Dois exemplos legais são o Ciclo Rotas, iniciativa que fizemos no Rio, em 2013, com outros parceiros, quando desenhamos uma malha cicloviária de 33km para o Centro. Também ajudamos a prefeitura, em 2014, a elaborar o programa Paradas Cariocas, para a criação de plataformas niveladas em vagas de estacionamento, que ampliarão o passeio público oferecendo áreas de convivência”, conta Clarisse.

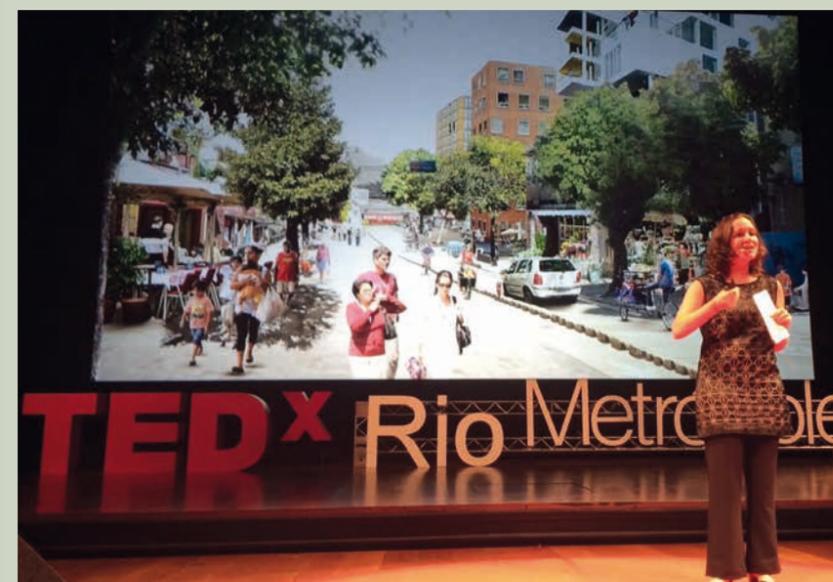
De acordo com ela, são muitas as conquistas e desafios quando o assunto é mobilidade urbana. “Vimos, desde os protestos de 2013, que a sociedade entende o déficit de transporte como um dos maiores entraves para o acesso pleno à cidade. A voz da sociedade civil tem sido maximizada, e sua participação articulada em rede pressionando o governo, o que é excelente. Mas precisamos também refletir sobre o modelo de sociedade que queremos, versus o que “compramos” diariamente”.

Clarisse lembra que ela mesma, quando mais nova, tinha *Os Jetsons* como seu desenho favorito. Era ele que definia seu entendimento de futuro: pessoas se deslocando sozinhas em suas maquininhas. “Esta ideia utópica de futuro, no entanto, não vai dar conta dos problemas do nosso planeta! Precisamos rever totalmente nosso entendimento de mundo, e o papel que queremos desempenhar”, alerta.

E deixa um recado para seus pares vicentinos: “Precisamos entender que para termos cidades sustentáveis e justas, o coletivo deve vir acima do individual. A cidade do futuro precisa respeitar a escala dos pedestres, permitir que a bicicleta seja segura, valorizar o transporte coletivo. Mesmo tendo adorado *Os Jetsons*, entendo que este não é o futuro que quero para nossas cidades. Então tento construir um futuro diferente. Todos podemos fazê-lo, desde já”.



“Criatividade, questionamento, preocupação social, eu diria até ousadia, são aspectos fundamentais da minha formação. Até hoje sei que, sou quem sou, muito em função da minha vivência vicentina”



CLARISSA LINKE EM DIFERENTES MOMENTOS: DE CIMA PARA BAIXO, À FRENTE DO ITDP; PINTANDO MURO NO CSVP, NUM SABADÃO, EM 1995; FALANDO NO TEDXRIO, EM 2014, PARTICIPANDO DO ENCONTRO MULHERES EM MOVIMENTO, EM JANEIRO DESTE ANO; E, EM 2006, FAZENDO TRABALHO SOCIAL EM MOÇAMBIQUE.

ONTEM E HOJE

Se tem uma característica comum às festas juninas do São Vicente ao longo do tempo é a grande animação. Confira na sequência de fotos ao lado os muitos momentos dessa festa que no nosso Colégio são “juninas”, como este ano, realizadas nos dias 7 e 8 de julho. Na foto 1, vemos Pe. Almeida emprestar seu rosto ao caipira do desenho, na festa de 1970; nesse mesmo ano, foi registrado o desfile de fantasias com roupas caipiras estilizadas, típicas da época (foto 2); em 1976, o pátio ficou lotado de mesinhas e cadeiras para a degustação das comidas servidas nas barracas (foto 3); o grande caracol formado pela 5ª. série foi registrado em 2007 por Pe. Lauro Palú (foto 4); a corrida de saco foi em 2011 (foto 5); a EJA fez uma grande roda de quadrilha na festa de 2014 (foto 6); já a quadrilha do Ensino Médio de 2015 arrastou Alunos, Ex-Alunos, Professores e Funcionários (foto 7); também em 2015, Gabriel, Daniel e Mariana, do 3º ano EM representaram o padre e os noivos do casamento na roça (foto 8); E neste 2017, o 3º ano do Fundamental dançou o pau de fita sob o comando do Prof. Leonardo Lois. Anarriê!



A IMPORTÂNCIA DA MANSIDÃO, TERCEIRA DAS CINCO VIRTUDES VICENTINAS, NO DIA A DIA DA ESCOLA

“Ser manso não significa ter que se anular ou se deixar intimidar diante de situações adversas, mas sim, ser ponderado e acolhedor”

Mônica Roque,
Professora de Geografia

Na sequência da série sobre as cinco virtudes vicentinas nos deparamos com a virtude da mansidão. A respeito dessa virtude, nos instrui São Vicente: “Não há pessoas mais constantes e firmes no bem, que aqueles que são mansos e pacíficos; pelo contrário, os que se deixam levar pela cólera e pelas paixões são geralmente muito inconstantes, porque agem por impulsos e ímpetos. São como as correntezas, que só têm força e impetuosidade nas chuvas, mas secam logo depois de ter passado o temporal, enquanto os rios que representam as pessoas pacíficas caminham sem ruído, com tranqüilidade, sem jamais secar”. A revista *A Chama* mais uma vez convidou educadores vicentinos para relatar um pouco de suas experiências e pensamentos sobre a prática dessa virtude no contexto educacional.

Para a Professora de Geografia dos 6º e 9º anos do Ensino Fundamental, Mônica Roque, a prática da mansidão em profissões que lidam diretamente com o público é indispensável, sendo imprescindível no contexto educacional. Ela lembra que crianças e jovens costumam ser questionadores, desafiadores, muitas vezes impacientes e quase sempre exigem atenção exclusiva. No ambiente de uma sala de aula, em muitos casos, repleta de Alunos com esse perfil, o Professor precisa ser extremamente compreensivo, paciente, gentil e ao mesmo tempo se mostrar firme e convincente ao desempenhar suas atividades. Com intolerância, rispidez e mau humor, as situações de interação, tão necessárias à aprendizagem, estarão bastante comprometidas, e o Professor não terá a atenção e a confiança de seus Alunos, condições básicas para que seu trabalho seja profícuo.

Nos casos, não raros, em que a irritação ou o descontrole emocional se instala, não deve existir pressa em se julgar e apontar quem está certo e quem está errado, sob risco de se aumentar ainda mais o caos. Para se resolver esse tipo de conflito, o importante é que o educador aja como mediador, mantendo a calma e buscando palavras e atitudes reconciliadoras, sem recorrer à rispidez para demonstrar o controle da situação.

“Quando praticamos a mansidão, nos apresentamos como pessoas tranquilas, compreensivas, gentis e essencialmente tolerantes. Essas características estimulam o diálogo, reforçam laços de boa convivência entre as pessoas, sejam esses laços profissionais ou não. Contudo, vale a pena ressaltar que a mansidão jamais poderá ser confundida com permissividade, apatia ou até mesmo covardia. Ser manso, não significa ter que se anular ou se deixar intimidar diante de situações adversas, mas sim, ser ponderado e acolhedor. Essa característica nos permite sempre ter relações claras, honestas, reforçadas e duradouras”, opina Mônica.

O Professor e Coordenador Pedagógico Adjunto do Ensino Médio, Fábio Henrique de Souza, também acredita que aqueles que trabalham com educação têm, acima do cumprimento de programas e do ensino de conteúdos, compromisso com a formação. E isso implica ser exemplo. Nesse sentido, qualquer virtude praticada pelo educador acresce e dá sustentação às práticas formativas.

“Intramuros, não é incomum nos depararmos com situações de tensão ou impaciência envolvendo Alunos, Responsáveis e/ou Educadores. A tranquilidade é a melhor escolha e é mais fácil mantê-la quando temos clareza do papel a desempenhar e convicção sobre o que motiva nossas decisões”, aponta Fábio.

Como nos ensinou nosso Patrono, *se não se pode ganhar uma pessoa pela amabilidade e pela paciência, será difícil consegui-lo de outra maneira.*



DESENHOS DOS ALUNOS DO 4º ANO EF, NA AULA DE ENSINO RELIGIOSO, DA PROFª BEATRIZ SÁ, PARA CELEBRAR O ANIVERSÁRIO DO COLÉGIO



COM PAIXÃO E DISCIPLINA SE FAZ UM EMPREENDEDOR

À ESQUERDA, TOMÁS MENDONÇA, EM AÇÃO PELA CARPE; AO CENTRO, GUILHERME PIRÁ, EM SEU TRABALHO DE FOTÓGRAFO E AMBIENTALISTA; E JUNTOS, NO COLÉGIO, NA PALESTRA AOS ALUNOS

Dois ex-Alunos falam da experiência de criar seu próprio trabalho

Fazer o que gosta, trabalhar muito, ter versatilidade, arriscar-se, não ter medo de mudar, atuar em várias frentes, ser disciplinado, poupar, saber se apresentar e dar visibilidade ao seu trabalho. Essas são, segundo dois jovens que abraçaram esse caminho por vontade própria, as principais características da vida de empreendedor.

Guilherme Pirá Carvalho, 30, fotógrafo e ativista ambiental, e Tomás Deleuse Mendonça, 27, cofundador da Carpe Projetos Sociais, são dois ex-Alunos do São Vicente, que escolheram o empreendedorismo como meio de ganhar a vida. Na manhã de sábado, 10 de junho, eles estiveram no Colégio participando das Mesas Redondas de Orientação Profissional, dividindo suas experiências com os Alunos do 9º ano do Fundamental ao 3º do Ensino Médio.

Esta foi a primeira vez que o evento, já uma tradição no calendá-

rio escolar, abrigou uma mesa especialmente dedicada aos empreendedores, uma opção profissional que vem se mostrando cada vez mais promissora, sobretudo num cenário de crise de empregos como a que vivemos.

E se, por um lado, a mesa de empreendedores foi a que teve o menor número de participantes, já que dois convidados não puderam comparecer, por outro lado foi a que esbanjou paixão e comprometimento com as atividades descritas. Com todos os desafios e dificuldades que enfrentam, tanto Guilherme, quanto Tomás falaram, por duas horas, com enorme empolgação de suas opções, segundo eles, as escolhas mais acertadas de suas vidas.

O primeiro a se apresentar foi Guilherme, conhecido como Guiga Pirá. Formado pelo São Vicente em 2005, fez faculdade de Desenho Industrial, estagiou como webdesigner e se empregou na empresa de moda Richards, como responsável por vitrine e interior de loja. Aos 23 anos, começou a dar vazão ao gosto pela natureza que sempre sentira e, pesquisando, foi se dando conta da relação de exploração do planeta pelo homem, adotou a alimentação vegana e começou a se envolver com ONGs de direitos dos animais.

Até que decidiu largar o emprego e se engajar em campanhas pró-animais fora do Brasil, lutando pela preservação de golfinhos, tubarões e da vida nos oceanos de maneira geral. Foi quando a fotografia apareceu como meio de ganhar a vida. “Usando a fotografia para me defender, acabei produzindo imagens fortes, que me revelaram meu caminho como empreendedor”, contou Guiga.

A partir daí, fez cursos de fotografia, registrou-se como Microempreendedor Individual, e seguiu a trilha de ativista e fotógrafo profissional. Até hoje mantém essas duas vertentes. O trabalho voluntário em ONGs, lhe abre oportunidades para exposições e venda de imagens, divulgadas através das redes sociais.

Mas essa trajetória só foi possível graças ao hábito que Guiga adquiriu desde cedo e que mantém até hoje: poupar sempre 20% de todo e qualquer dinheiro recebido. “Desde meu primeiro trabalho, distribuindo panfletos na rua, ainda no Ensino Médio, faço isso. Com essa disciplina, consegui juntar

R\$ 12 mil. Foi esse o capital inicial que me permitiu largar meu emprego, fazer minha primeira viagem como ativista e mudar de profissão”, lembra.

Já Tomás Mendonça, que também não teve ajuda da família e nem de investidor para dar início a seu negócio, trabalhou os primeiros anos sem remuneração até a empresa deslançar. No encontro com os Alunos, ele contou que estudou nove anos no São Vicente, depois seguiu Geografia na PUC-Rio.

Fazer a diferença

No quarto período da faculdade, começou a estagiar, assim como os três colegas que viriam a se tornar seus sócios depois. Foi quando se deram conta de que queriam “fazer a diferença”, deixando de lado os trabalhos convencionais. Depois de um curso sobre agrofloresta sintrópica, com o suíço Ernst Götsch, decidiram desenhar um projeto a partir da ideia de que todo ser tem uma função no planeta Terra. “O ser humano se desconectou muito desta ideia que é fundamental para a vida. E foi isso que a gente se propôs a recuperar”, disse Tomás.

Em 2011, criaram a Carpe Projetos Socioambientais, com o objetivo de oferecer serviços com foco em agricultura, gestão de resíduos e educação ambiental. “Fizemos um projeto piloto para um prédio, sem cobrar nada, pedindo como contrapartida apenas o pagamento dos materiais que fossem usados. Transformamos todos os canteiros do play em hortas, com verduras, frutas e temperos, implantamos um projeto de coleta seletiva de resíduos, capacitamos funcionários, moradores e crianças, e fizemos eventos de integração. A partir do momento que esse projeto deu certo, passamos a levá-lo adiante e a cobrar pelo serviço. Mas durante dois anos, tudo que entrava era investido na empresa. Só depois desse tempo é que, nós, sócios, começamos a fazer retiradas mensais”, contou.

Tomás e os sócios fizeram o portfolio da empresa para contar essa história e se apresentar para outros clientes. Investiram em pesquisa e em cursos, marketing digital e também numa grande rede de contatos. “Trabalhamos com o conceito de cooperação, porque vivemos num sistema

abundante, com espaço para todo mundo. Outro valor básico para nossa empresa é trabalhar com prazer interno, por isso não nos importamos de fazer todo tipo de serviço, porque ele sempre está vinculado a este valor maior”, diz Tomás.

Tanto ele, quanto Guiga frisaram que no empreendedorismo é preciso ser polivalente, atuar em várias funções e atividades, de acordo com a necessidade, e se permitir mudar e aprender sempre. Também é preciso ter disciplina e planejamento. “Você não tem salário certo, férias, 13º salário, vale-transporte ou seguro saúde; vai precisar produzir todo dia para se manter”, lembraram. Mas também foram unânimes em afirmar: “Quem faz o que gosta e acredita, tem outros ganhos além do material”.

Os dois ex-Alunos vivem do trabalho que escolheram e se sentem plenamente realizados com ele. Deixaram uma mensagem para os colegas do São Vicente: “O importante é saber o que te satisfaz, o que te faz feliz. Os desafios são muitos, mas as compensações também são”.



UM ASSUNTO DIFÍCIL, MAS IMPORTANTE

Círculo de reflexões sobre comportamento dos jovens pôs em debate, entre outros, o tema do suicídio

Entre os meses de março e abril, dois episódios sem nenhuma relação entre si trouxeram à tona um tema comum, difícil, mas importante de ser debatido: o suicídio. Um deles foi a circulação pela internet do macabro jogo virtual conhecido como *Baleia Azul*, que em 50 etapas estimula a automutilação e a morte do participante. O outro foi a série de TV americana *13 Reasons Why* (*Por 13 razões*), na qual uma adolescente que sofre *bullying* dá fim à sua vida, depois de deixar gravados os motivos que a teriam levado a esse ato extremo.

Ambos causaram um incômodo generalizado, manifesto na imprensa e nas redes sociais. Também o Colégio São Vicente recebeu questionamentos de muitos Pais e Responsáveis, e decidiu trazer o assunto para discussão na Comunidade Escolar. E para isso, convidou o psicanalista Benilton Bezerra Jr, para falar da experiência de risco na adolescência.

Na palestra em que realizou no auditório, na noite de 23 de maio, Dr. Benilton situou o suicídio como um risco real na juventude, como outras formas de violência e de sintomas psíquicos que afligem esse universo, sobretudo. “A adolescência é uma fase vulnerável a todo tipo de violência, e o suicídio é uma das causas externas da violência. Trata-se de um tema tabu, que a sociedade está pouco preparada para discutir”, afirmou.

De acordo com Benilton Bezerra, o suicídio entre jovens é alto, variando mais de um lugar para outro do que no tempo. E exemplificou: “Na Coreia do Sul e no Japão, onde a expectativa de desempenho é grande, é alto o índice de suicídios de jovens relacionados ao fracasso escolar, o que já não ocorre aqui.”

No Brasil, disse, o suicídio na adolescência também é sensível, mas estável, raramente acontece de se ter um aumento ou diminuição nos indicadores. O médico afirmou não ter informação de nenhum seguidor do jogo *Baleia Azul* que tivesse se suicidado. “O que eu acho muito razoável porque ele é completamente absurdo”, disse.

Já sobre *Por 13 razões*, Benilton ponderou que a decisão de se estimular que os Filhos assistam ou não à série, não é simples, uma vez que, evidências demonstram que o fenômeno do contágio do suicídio existe de fato e que há registros históricos disso.

“Um exemplo clássico foi o de Goethe, no século 18. Com a publicação do seu livro *Os sofrimentos do jovem Werther*, ele foi acusado de ter levado muitos jovens ao suicídio por verem na história um exemplo de morte glamorosa. E isso numa época em que não havia televisão, nem internet. Nesse sentido, da espetacularização, é que se poderia achar essa série de tv problemática”, disse.

O que o psiquiatra e psicanalista fez questão de frisar é que, independentemente da série ou do jogo virtual, o suicídio é um problema importante que precisa ser encarado sem medo ou preconceito. E disse mais: “é preciso que se saiba que o suicídio é passível de ser prevenido”.

Indícios claros

De acordo com Benilton Bezerra, há estudos mostrando que a maior parte das pessoas que se mataram, deixaram indícios claros de que já tinham isso em mente, pelo menos seis meses antes de morrer. “São sinais como retraimento social, desinteresse por atividades antes consideradas interessantes, pensamentos repetitivos sobre a finitude e a falta de sentido na existência, dentre outros, para os quais as pessoas próximas muitas vezes não dão a devida atenção”, disse o médico, informando que na Uerj, onde ele é Professor, funciona um núcleo de prevenção ao suicídio.

O tema surgiu no debate que se seguiu à palestra, em que o psicanalista falou dos riscos inerentes à adolescência, num mundo em completa transformação, como o que conhecemos hoje. A adolescência, explicou, é naturalmente um período de muita turbulência, em que se vive o luto pelo corpo infantil perdido, o luto dos Pais idealizados e onipotentes da infância, a emergência do pensamento crítico e abstrato e da construção da identidade sexual e sociocultural do indivíduo.

“É a época de se testar os limites e isso sempre envolve riscos. Adolescentes sempre deram trabalho, só que antes as fronteiras eram mais nítidas e os papéis mais definidos. Hoje tudo é fluido, vivemos uma enorme crise de autoridade no mundo contemporâneo, e isso dificulta tremenda-



“É preciso que se saiba que o suicídio é passível de ser prevenido”

Benilton Bezerra

mente a tarefa de Pais e Professores, de encontrar mapas que orientem a navegação nesse período de turbulência”, afirmou Bezerra.

Várias situações envolvendo comportamentos dos Filhos adolescentes foram trazidas pelos Pais presentes ao debate, sempre seguidas da pergunta: “como lidar com isso?”. Bezerra disse não ter a pretensão de respondê-la, porque não há receita, mas encaminhamentos. “Vocês mesmos estão trazendo observações interessantes, e esse é um encaminhamento possível: buscar um ambiente que não vise à perfeição, mas seja estável, que passe pelo diálogo, que permita o conflito e que esse conflito não leve à desagregação, que haja regras de convivência”, sugeriu por fim.



LONGOS ANOS DE CONTRIBUIÇÕES E APRENDIZADOS

ARTUR E NINA SE DESPEDIAM ESTE ANO DA COORDENAÇÃO ACADÊMICA DO SV

Nomes que se confundem com a própria história do Colégio, Nina Vernes, Artur Motta e Patrícia Rubim falam de suas trajetórias no CSVP

A convivência deles foi tão longa e tão intensa com o Colégio, que seus nomes chegam a ser confundidos com a própria Instituição. “Parece coisa de escola de samba: Neguinho da Beija Flor, Dominginhos do Estácio, Artur do São Vicente...”, brinca Artur Motta. Depois de anos de contribuições valiosas ao CSVP, que também os marcou de forma indelével, Artur e Nina Vernes da Cunha, antigos Coordenadores Acadêmicos, e também a psicóloga Patrícia Rubim, do Serviço de Orientação Educacional, o SOE, passaram o bastão a seus sucessores este ano.

“Muito do que sei e sou, se deve ao São Vicente. Da Portaria até o quinto andar, fui encontrando e convivendo com pessoas que me faziam melhor a cada dia. Muitas delas se foram, mas sua força foi tão presente, que seu exemplo permanece vivo dentro de mim...”, diz Artur.

Ele entrou no Colégio em março de 1990, como Professor e como Coordenador Comunitário. Em 2007, já Coordenador Acadêmico, deixou o São Vicente para assumir a Direção Pedagógica de uma outra escola que estava se formando, mas em 2011 estava de volta na mesma função.

Nina Vernes e Patrícia Rubim têm história ainda mais longa com o São Vicente – para as duas, foram 37 anos de convivência ininterrupta. “Eu costumo dizer que tenho mais tempo de vida dentro do Colégio do que fora dele”, diz Patrícia. Ela começou trabalhando como Orientadora Educacional das então 3ª e 4ª Séries (hoje 4º e 5º anos) e depois, como psicóloga, passou a integrar o SOE, cuja equipe viria a chefiar mais adiante. “Foi uma trajetória muito rica para mim. Nos anos em que trabalhei no Colégio, paralelamente fiz especialização em terapia de família, fiz minha formação psicanalítica, e ganhei uma compreensão maior de educação. Aprendi muito e também acredito que dei o melhor de mim, sempre presente e atenta à Instituição e às pessoas ali dentro”.

Nina começou no São Vicente como Coordenadora do Fundamental 1. “Naquele momento, uma inovação que eu trouxe foi introduzir entre os Professores um conselho de reflexão. Isso foi uma semente do projeto de formação permanente de Professores do Colégio, que mais para frente ficou toda por minha conta”, lembra.

Assessoria direta da Direção

Mais adiante seu trabalho foi ampliado para todo o Fundamental. Após uma breve passagem pela Coordenação do Ensino Médio, Nina foi convidada a assumir a Coordenação Acadêmica, que ainda não existia como área de trabalho no Colégio. “A ideia desse cargo era o de fazer uma assessoria direta da Direção, que na época tinha à frente o Padre Lauro Palú. Eu, então, assumi essa função, já em dupla com o Professor Artur. Nós dividimos o trabalho: eu fiquei com a parte didático-pedagógica e o Artur atuava mais na área administrativa, de projeção, de visão de futuro da escola como um todo.”

À frente da Coordenação Acadêmica, tanto Nina Vernes quanto Artur Motta tiveram papel preponderante na elaboração e implantação do Projeto Político-Pedagógico do São Vicente. “Acho que minha formação em Educação e Filosofia foram importantes nesse processo de pensar valores mais amplos, que coincidem com a visão da escola, católica, que tem posições muito firmes quanto a isso”, diz Nina.

Artur também acredita que na Coordenação Acadêmica e na participação junto à Direção, ficou o que de melhor ele pôde oferecer ao Colégio. “Neste caso, destacaria minha preocupação para que discutíssemos permanentemente o futuro da Instituição e suas consequências na vida dos profissionais que nela atuam”, afirmou. Na sua passagem pela Coordenação Comunitária, ele também deixou contribuições valiosas, dentre elas, a possibilidade de favorecer as condições para o surgimento do Comitê Graúna e a implantação de um projeto seriado de ação comunitária.

Os três profissionais reconhecem que também aprenderam muito no CSVP. “A oportunidade de atuar numa linha de trabalho cooperativo, em que você pode pensar e trocar com outras pessoas, desenvolvendo uma orientação pedagógica participativa, sem uma interferência diretiva que o leve a ser mero executor de tarefas, isso é o que eu levo de melhor do São Vicente. Foi um trabalho muito gratificante para mim e para todos que trabalharam à minha volta”, afirma Nina Vernes.

Patrícia Rubim se diz grata pelo apoio que recebeu do Colégio em momentos difíceis em sua vida pessoal e também na formação de suas duas filhas, que estudaram no São Vicente do então CA ao 3º ano do Ensino Médio. “Os verdadeiros valores vicentinos, a capacidade de olhar e ouvir o outro, são o que de melhor levamos conosco”.

Já para Artur Motta, “não há como passar pelo São Vicente, sem aprender o quanto o coletivo é maior e melhor, o quanto a partilha é mais encantadora; o quanto o consenso é melhor do que qualquer maioria numérica e o quanto a Escola, como Instituição precisa melhorar para ser mais digna das crianças que recebe, dos jovens que nela crescem, das famílias que nela confiam e com ela compartilham a formação de seus filhos e, por fim, dos profissionais que nela atuam e nela depositam o suor do seu trabalho”.



PATRICIA: TRAJETÓRIA RICA NO SOE

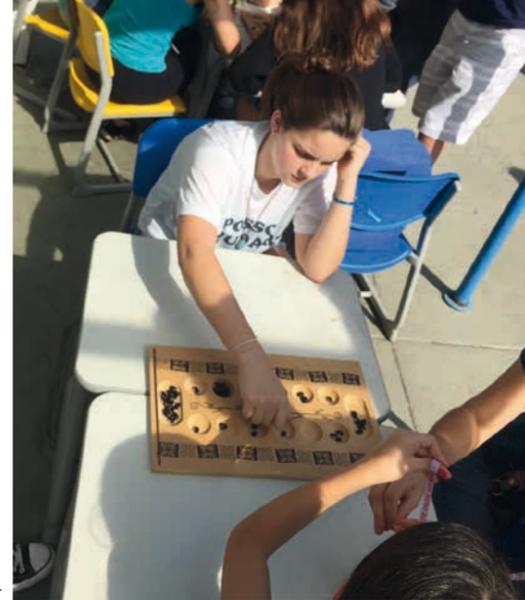
“Os verdadeiros valores vicentinos, a capacidade de olhar e ouvir o outro, é o que de melhor levamos conosco”

Patrícia Rubim

NOTAS

FEIRA DE CULTURA E COMPROMISSO SOCIAL 2017

Com o tema *Biomias brasileiros e defesa da vida*, a Feira de Cultura e Compromisso Social deste ano fez tanto sucesso que não faltaram apelos para que ela se estendesse por pelo menos mais um dia. Bazar, exposições, palestras, oficinas e apresentações de teatro e música encheram o pátio e os diversos andares do Colégio. Na Sala Multiuso, o 8º ano apresentou a exposição *Outras Áfricas* chamando atenção para aspectos pouco conhecidos desse continente tão importante na formação brasileira. Quem quisesse podia até experimentar o *mankala*, jogo de estratégia originário do Egito, que é considerado o pai dos jogos – data de 7 mil anos! Na Sala 15, as crianças do 3º ano do Fundamental expuseram seus desejos de um mundo mais harmônico na linda exposição *Semeando Sonhos*. As turmas do 1º ano do Ensino Médio capricharam na pesquisa e nas fantasias para exibir diferentes tradições do nosso continente na mostra *América Latina: quem é o estrangeiro aqui?*. O Dia dos Mortos, no México, a Festa de la Vendimia, da Argentina, e o Carnaval mais longo do mundo, no Uruguai foram alguns dos destaques da exposição. Já os Alunos da EJA emocionaram contando as trajetórias de cada um deles e suas famílias na exposição *Muro acima, rua abaixo*, na entrada principal do Colégio. Foram muitas as atrações que, mais uma vez, foram encerradas com chave de ouro com o belíssimo coral coletivo dos Alunos do 4º ao 6º e do 8º e 9º anos do Fundamental. Uma festa para ficar na memória!



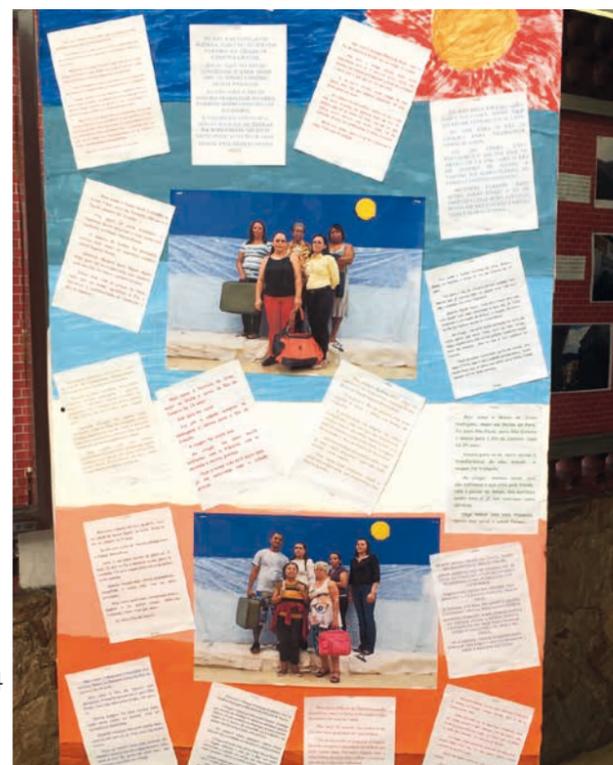
1



2



3



4



FOTOS: ARQUIVO CSVP

SEMANA POLÍTICA

Organizada pelo Greco, entre 15 e 22 de maio, a Semana Política foi uma boa oportunidade para esclarecer a Comunidade Escolar sobre questões em jogo no atual debate. O primeiro dia tratou da Reforma da Previdência. Fernando Penna, Professor Adjunto da Faculdade de Educação da UFF, fez duras críticas à proposta do Governo, enquanto Daniel Duque, economista e mestrando em economia na UFRJ, defendeu a reforma, que, se aprovada, vai afetar a vida de milhões de brasileiros. Outra reforma, desta vez do Ensino Médio, foi tema do segundo dia de debates, que mobilizou muito Alunos e Professores. Nesse dia, foram quatro os debatedores: Rubens Cysnei, economista e Professor da FGV; e Carolina Botelho, doutora em Ciência Política pela UERJ, falaram a favor da reforma; enquanto Afonso Teixeira, vice-presidente do Sindicato dos Professores do Rio; e Camila Sousa, do Movimento Juntos, se manifestaram contra. O terceiro dia, 17 de maio, tratou de um fato histórico: A revolução Russa e seu impacto na política atual, e teve como palestrantes Carlos Serrano, Professor de Ciência Política na UFRJ, e Maycon Bezerra, Professor de Sociologia do Instituto Federal Fluminense. No dia 22, a crise no sistema carcerário brasileiro foi apresentada por João Delfim, que trabalha há 23 anos no Sistema Prisional do Estado do Rio; Sérgio Sant'Anna, Professor de Direito Constitucional da Universidade Cândido Mendes; Fábio Cascardo, do Mecanismo Estadual de Prevenção e Combate à Tortura; e Marcelo Biar, autor do livro *Arquitetura da Dominação – o Rio de Janeiro, seus presos e suas prisões*.

DE CIMA PARA BAIXO, AS MESAS SOBRE A REFORMA DA PREVIDÊNCIA, SOBRE A REFORMA DO ENSINO MÉDIO, SOBRE A REVOLUÇÃO RUSSA, E SOBRE A CRISE NO SISTEMA CARCERÁRIO BRASILEIRO.

APOIO AOS REFUGIADOS

Mireille Muluila, refugiada da República Democrática do Congo, está no Brasil desde 2014 e hoje trabalha na Caritas, ONG que dá assistência a estrangeiros em busca de refúgio no Brasil. No dia 22 de maio, acompanhada de uma representante da Instituição, ela esteve no auditório do Colégio dando seu depoimento aos Alunos do 7º ano sobre a situação dos refugiados no país. Atualmente, apenas no Brasil, existem cerca de 8.500 refugiados e outros 12.500 solicitantes de refúgio. Eles vêm fugindo de conflitos e perseguições por motivos diversos, sobretudo de países como Síria, Angola, Colômbia, República Democrática do Congo e Líbano. A Caritas, pioneira no Brasil no trabalho com refugiados, atua em três frentes: acolhimento, integração local e proteção legal a essas pessoas. E conta com doações e ajuda de voluntários para melhor desenvolver seu trabalho. Os Alunos do São Vicente ficaram bastante interessados na palestra, fizeram muitas perguntas e realizaram, na Feira de Cultura e Compromisso Social, uma coleta de doativos para a Caritas.



FOTO: ARQUIVO CSVP

MEDALHAS NA NATAÇÃO

Este ano, nossa equipe no Campeonato Estadual de Natação, organizado pela Secretaria de Esporte e Lazer, foi pequena, mas fez muito bonito. Somente as irmãs Giulia e Ana Luiza Daisson, da turma 801, representaram o CSVP na competição, que se realizou dia 1º de julho, no Colégio Santa Mônica. Mas ambas pontuaram muito bem: Giulia (ao lado) ganhou medalha de prata nos 50m costas e ficou em quarto lugar nos 100m costas e 50m borboleta. Já Ana Luiza (no pódio) recebeu medalhas de ouro nos 50m livre, prata nos 100m livre e bronze nos 200m livre. Ana, por seus resultados, foi convocada para a Seleção do Rio, e vai competir nos Jogos Escolares Brasileiros, em setembro, em Curitiba.



FOTO: MAURO DAISSON



FOTO: ARQUIVO CSVP

VIVA A LEITURA

A *Manhã de Letras e Livros e Leituras*, realizada com a animação de sempre no sábado, 6 de maio, se estendeu durante a semana de 8 a 12, recebendo autores, ilustradores e profissionais que trabalham com variadas linguagens. João Pedro Fagerlande trouxe sua *poesia viral* para conversar com o pessoal do 2º ano sobre rima, ritmo e forma; Edith Lacerda contou para as crianças do 1º ano de sua *Sereia em Segredo*, que tem ilustrações da Professora de Artes do 5º ano, Luciana Grether; Luciana, aliás, foi quem conversou com os Alunos do 3º ano sobre o ofício da ilustração; já o 4º ano recebeu o pai da Nina, Márcio Trigo, para falar de seu processo criativo em livros, teatro, cinema e música; e com a galerinha do 5º ano, o papo foi sobre publicidade, com Viviane, mãe do Jonas. Um luxo de semana!

20 ANOS DO ASV

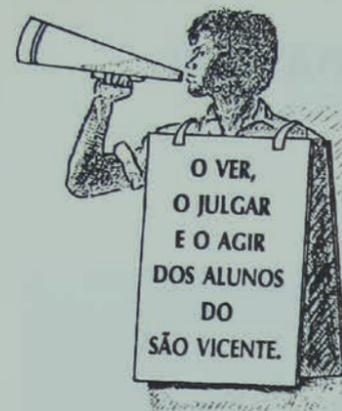
O Coral Amigos do São Vicente celebrou seus 20 anos de vida em três apresentações que lotaram o auditório nos dias 21, 22 e 23 de maio. Na primeira noite, o ASV dividiu o palco com coro feminino São Vozes. Na segunda, foi a vez do Vozes Cariocas, e no dia 23, o convidado foi o São Vicente a Capela, sob regência de Patrícia Costa. Patrícia, que criou o Coral Amigos do São Vicente, passou o bastão a Malu Cooper, falecida prematuramente em 2012. Desde então, Danilo Frederico, que acompanhava o coro no piano, assumiu sua regência, como também a do São Vozes. É dele também a regência do Vozes Cariocas.



FOTO: ARQUIVO CSVP

a chama PUBLICOU HÁ... 25 ANOS

O tempo estava bem quente na política naquela época e os Alunos do São Vicente, claro, não fugiram à luta. Foi o ano do impeachment do então presidente Fernando Collor de Mello, por ironia, também ex-Aluno do Colégio, e nossos "meninos e meninas" foram os primeiros estudantes a irem para a rua exigir sua saída da presidência. Quem quiser acompanhar esse processo, é só ver a edição de dezembro de 1992 de *A Chama*, que registra bem tudo o que aconteceu: a mobilização, os protestos, as passeatas, o reconhecimento pela imprensa... Vários exemplares da revista estão disponíveis na biblioteca para leitura. Vale conferir!



São Vicente faz caminhada alegre pela Zona Sul.

A primeira passeata a gente nunca esquece. Este foi o espírito de cerca de 200 estudantes que, para chegarem à Candelária, organizaram um *arrastão* do Cosme Velho ao Largo do Machado, por iniciativa própria e sem liderança de qualquer maior de idade. Eles ocuparam as ruas com faixas bem-humoradas como "Bonita camisa, Fernandinho" (a camisa era listrada de preto e branco, como dos prisioneiros), e desceram a Rua das Laranjeiras ocupando meia pista, para não atrapalhar o tráfego. A caminhada foi até a Estação Largo do Machado do Metrô, onde, em grupos, pularam as roletas sem balbúrdia.

Qualquer semelhança com a minissérie *Anos rebeldes* foi classificada pelos jovens como mera coincidência: "A gente viu que não adianta ficar parado, porque senão nada acontece de bom", disse a presidente do Grêmio do Colégio São Vicente, Irina Bruscky, 16 anos. "Organizamos tudo hoje e passamos a manhã pedindo adesão de alunos de outros colégios",

A participação política dos alunos do Colégio repercutiu em toda a imprensa.

"A Chama" transcreve para você alguns dos tópicos:

1. O primeiro protesto nunca se esquece (*Jornal do Brasil*)
2. Com nota dez em cidadania (trechos retirados da *Revista de Domingo* de 30/08/1992)

O PRIMEIRO PROTESTO NUNCA SE ESQUECE

Texto transcrito do *Jornal do Brasil* de 00/00/1992



COM NOTA DEZ EM CIDADANIA

Texto transcrito da *Revista de Domingo* nº 852 de 30.08.92

"Alunos do Colégio São Vicente levavam às ruas a consciência política aprendida na escola.

A frente das passeatas de estudantes no Rio, estavam os alunos do Colégio São Vicente de Paulo, no Cosme Velho, que, com 33 anos de serviços prestados, sempre notabilizou-se por uma postura de vanguarda, seja na didática educacional ou nas manifestações culturais. O mesmo São Vicente onde, durante três anos, estudou o próprio Fernando Collor, que ali foi diretor do jornalzinho



AMES, UBES e UNE?

nós todos que trabalhamos no São Vicente a grande demanda das turmas de Política, "deira" de Introdução às Ciências Humanas (ICH), no 1º semestre (1992), por si só seria suficiente para certificar que o projeto do CSVP está no caminho certo. A justificativa é diária, são os estímulos externos por meio da televisão. matérias publicadas pelas suas causas analisadas e ou não, neste momento sim, reconhecendo o trabalho que realizamos

o de Janeiro e a Imprensa aprovando nossos alunos à nova prática de cidadania

mbro de 1992

CAMPANHA DE DOAÇÃO DE FRASCOS DE VIDRO

O Banco de Leite do Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz) precisa com urgência de frascos de vidro com tampa de plástico (café solúvel e outros produtos).



Os frascos arrecadados são utilizados no armazenamento, pasteurização e distribuição do leite humano doado aos bebês prematuros e de baixo peso internados na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal.

**A APM apoia esta campanha.
Deixe seus frascos na sala da Associação.**

APOIO



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



IFF

INSTITUTO NACIONAL DE SAÚDE DA MULHER, DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE | FERNANDES FIGUEIRA



rBLH

Rede Global de Bancos de Leite Humano



Associação de Pais e Mestres Colégio São Vicente de Paulo - CSVP